

VÓRTICE

(para o fim de um Tempo)

22 Fev 2022 · 19:30 Sala 2

PRÉMIO NOVOS TALENTOS AGEAS



casa da música

MECENAS PRÉMIO NOVOS
TALENTOS AGEAS

grupo
ageas
portugal

ORGANIZAÇÃO

APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Catarina Sá Ribeiro, Daniel Moreira e Miguel Resende Bastos música
Quarteto Caleidoscópio interpretação
João Delgado Lourenço dramaturgia e encenação
Marugga e Tiago Silva (OUTcube) desenho de luz
Leandro Leitão assistência de iluminação
José Monteiro som
Patrícia Silveira produção

VÓRTICE (para o fim de um Tempo)

cena 1	<i>a persistência da memória</i>
cena 2	<i>água perpétua</i>
cena 3	<i>aproximadamente 300 000 km/s</i>
cena 4	<i>o desfiar do tempo</i>
cena 5	<i>o sopro suspenso</i>
cena 6	<i>ignis sanctus Vesta</i>
cena 7	<i>o granito do tempo</i>
cena 8	<i>ciclo das águas internas</i>
cena 9	<i>vórtice</i>

[espectáculo não aconselhado a epiléticos]

VÓRTICE (para o fim de um Tempo)

Uma equipa de doze artistas questiona-se sobre o Tempo. Nessas doze cabeças começa o Vórtice, posto em palco sob a forma de uma simbiose entre música e luz e de uma narrativa abstracta centrada na ideia de movimento. Neste percurso, espera-se que o público se perca e não se encontre.

Pensar no Tempo é entrar num vórtice de possibilidades em que cada resposta só nos leva a novas perguntas. Apesar de o Tempo ter sido objecto constante de fascínio para cientistas, filósofos, artistas e historiadores, permanece um dos maiores mistérios da existência humana. Talvez por isso a música — igualmente misteriosa e difícil de pôr em palavras — seja normalmente considerada a arte mais próxima do Tempo, em especial naquilo que ele tem de fugidio, subjectivo e abstracto. São inúmeras, na verdade, as obras musicais que têm sido interpretadas como representações do Tempo, da ideia de eternidade em música puramente instrumental de Bach e Messiaen à ideia de nostalgia nos *Lieder* de Schubert. O nosso projecto propõe, contudo, uma perspectiva original, em que a sensação de tempo é explorada através da simbiose entre a música e um outro elemento igualmente fugidio, dinâmico e abstracto: a luz.

Mais especificamente, o nosso objectivo central é explorar uma possibilidade conceptual que simultaneamente ultrapassa e condiciona o próprio Tempo: o seu fim. Nesse fim, começa outro vórtice de perguntas sem uma (só) resposta, tendo algumas delas até possíveis ecos no momento conturbado actual, em que pressentimos estar no limiar de uma nova realidade. O que significa, então, dizer que um tempo acaba? Como nos sentiríamos

perante isso? Será de todo possível que tal aconteça? E o que virá depois: um fim mesmo, ou um novo início?

Tirando proveito do potencial evocativo e imersivo da união entre música e luz, o VÓRTICE apresenta uma narrativa abstracta em torno de uma viagem para o fim de um Tempo (que pode ser o nosso). A ideia central desta narrativa é envolver o público num vórtice em busca de um centro que nos una no objecto estético, mas que nos disperse nas interpretações. E visto que as ideias de viagem e tempo implicam movimento, todos os elementos da dramaturgia do espectáculo são passíveis de se mover: a par da mobilidade intrínseca da música e da luz, os músicos deslocar-se-ão na sala e o próprio espectador será impelido a movimentar-se. Nesta encenação sem palavras, o público poderá usufruir de uma experiência imersiva e dinâmica.

Este espectáculo é uma criação colectiva, resultado do encontro entre um dramaturgo, três compositores, um desenhador de luz, um desenhador de som e os quatro músicos que integram o Quarteto Caleidoscópico. As várias componentes do projecto evoluíram, assim, em constante interacção, com o desenho de luz a influenciar a composição musical e o desenho de som (e vice-versa), e os próprios compositores a trabalhar em cooperação. Desta forma, quebra-se o modelo tão comum de trabalho isolado, ainda mais evidente neste último ano com a necessidade que se impôs de trabalhar em casa.

João Delgado Lourenço

dramaturgia e encenação

João Delgado Lourenço é mestre em Engenharia Civil (2009), pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, licenciado em Interpretação (2016) e pós-graduado em Dramaturgia e Argumento (2021), pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. O seu percurso como actor começou em 2012, no Teatro Universitário do Porto. Profissionalmente, destacam-se os espectáculos: *Os Últimos Dias da Humanidade*, de Karl Kraus, encenado por Nuno Carinhas e Nuno M. Cardoso (TNSJ, 2016); *Uma Noite no Futuro*, com textos de Samuel Beckett e Gil Vicente, encenado por Nuno Carinhas (TNSJ, 2018); e *Das Tripas Coração*, encenado por Nuno M. Cardoso e Nuno Cardoso (TNSJ, 2019). Trabalhou também com Federico León, Ricardo Alves, Jorge Louraço, Rui Madeira, André Braga e Cláudio da Silva. Participou no festival *Small Season*, na Bulgária, organizado pelo Sfumato Theatre Laboratory e integrado no programa da União dos Teatros da Europa (UTE, 2017). Colabora regularmente com a ESMAE como professor assistente, desde 2017. Em Junho de 2021, encenou o espectáculo dos alunos de primeiro ano desta escola, *Minudências*.

Catarina Sá Ribeiro

composição

Residente e nascida no Porto, Catarina Sá Ribeiro licenciou-se em Piano Jazz (2014) e, mais recentemente, em Composição pela ESMAE (2020). Ao longo de 25 anos sempre voltados para a música, a presença constante e irrequieta de vários interesses contribui para o seu modo de criar, desde os anos dedicados ao desenho e à cerâmica, ao teatro amador ou ao amor pela poesia, até à profunda e ancestral devoção pela natureza onde encontra paz de espírito e inspiração na contemplação de todas as formas orgânicas, em particular das botânicas. Estreou a sua primeira obra para orquestra, *Gingko*, em Fevereiro de 2020, no Teatro Helena Sá e Costa, em contexto académico, no seguimento de um concurso interno dos alunos da licenciatura. Participa regularmente como orientadora/arranjadora na Grande Pesca Sonora (GPS), um evento anual de cariz pedagógico e comunitário que reúne alunos de várias idades e de várias escolas do concelho de Matosinhos, promovido pelo CARA (Centro de alto rendimento artístico) — Orquestra Jazz de Matosinhos.

Daniel Moreira

composição

Doutorado em Composição Musical (King's College London, 2017) e mestre em Composição e Teoria Musical (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, 2010), Daniel Moreira estudou com George Benjamin, Fernando Lapa e Dimitris Andrikopoulos. Em 2009, foi Jovem Compositor em Residência na Casa da Música, sendo-lhe desde então regularmente encomendadas novas obras e arranjos por instituições como a Casa da Música, o Festival Musica Strasbourg, o European Concert Hall Organisation, o Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa e a Kölner Philharmonie. A sua música abarca múltiplos géneros, da orquestra às formações de câmara, com uma especial ênfase, mais recentemente, em música coral (*Poema para a Padeira*, 2013; *Do Desconcerto do Mundo*, 2016); ópera (*Cai uma Rosa...*, 2015; *Ninguém & Todo-o-Mundo: ópera lírico-turística em torno de Gil Vicente*, 2018); e música que explora a relação entre instrumentos acústicos, electrónica e luz (*Isto não é um filme*, concerto para orquestra e electrónica, 2020). É professor de composição, análise e estética na ESMAE (2009-), desenvolvendo também trabalho de investigação em torno de aspectos de harmonia e temporalidade na música erudita e de cinema.

Miguel Resende Bastos

composição

Mestre em composição, Miguel Resende Bastos estudou no Porto, cidade de onde é natural, bem como em Brno e em Roterdão, com os compositores Dimitris Andrikopoulos, Ivo Medek, René Uijlenhoet e Robin de Raaff. Em 2017 venceu o Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim e, em 2020, foi distinguido com o prémio Musa. A sua música já foi apresentada em diversos festivais, ciclos e salas de concertos em Portugal, Chéquia, Holanda e Alemanha. Tem-se destacado pelo seu trabalho interdisciplinar, envolvendo literatura, música electroacústica, ópera, vídeo e instalações multimédia, bem como em projectos com coreógrafos e música para dança. Actualmente, é compositor em residência da temporada 2020-21 do MPMP — Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa.

João Pinto

desenho de luz

João Pinto, também conhecido por Marugga (1989), é natural de Caminha e um apaixonado pelo universo artístico desde muito cedo. O seu primeiro percurso no ensino superior culminou, em 2011, com a Licenciatura em Gestão Artística e Cultural (IPVC), resultando posteriormente no ingresso no Mestrado em Gestão Artística e Cultural (IPVC). No ano de 2011, foi o responsável do departamento técnico do FIGAC 2011 (Fórum Internacional de Gestão Artística e Cultural), que teve a participação de Von Calhau, Spabilados Teatro Hedonista, La Marmita, Margarida Mestre, Fábrica de Movimentos e The Fictionary Players. Participou na produção do projecto/performance *Por exemplo a cadeira no ouvido* (2012), a partir do livro de António Pinto Ribeiro, promovido no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, no âmbito do Mestrado em Gestão Artística e Cultural da ESE (Instituto Politécnico de Viana do Castelo). Em 2017, terminou a Licenciatura em Teatro — Produção e Design, ramo Luz e Som (ESMAE).

Tiago Silva

desenho de luz

Tiago Silva (1996) é natural de Viana do Castelo. Finalizou o curso de Luz, Som e Efeitos Cénicos na ACE — Escola de Artes (2013-2016), especializando-se em luz. Como desenhador de luz colaborou em encenações de Joana Craiveiro, Joana Providência, Paulo Calatré, Pedro Fiúza, Miguel Eloy, António Júlio, Daniel Silva, Raquel S, Joel Sines e Nuno Matos, Catarina Carvalho Gomes e Pedro Galiza. Foi co-autor do desenho de luz para o filme *MONO* produzido pelo TUP, com direcção artística de Joana Mont'Alverne. Como assistente de desenho de luz, colaborou no espectáculo *Festa de 15 anos* de Mickael de Oliveira na iluminação para vídeo, em *As três irmãs* encenado por Carlos Pimenta e em *DESPE-TE (ISABEL)* encenado por Pedro Galiza. No final de 2019, é convidado a integrar a equipa de criativos do colectivo artístico OUTcube Stage & Lighting Design, como elemento co-fundador.

Leandro Leitão

assistência de iluminação

Leandro Leitão nasceu em Coimbra, em 1999. Concluiu o Curso Profissional de Luz, Som e Efeitos Cénicos na ACE — Escola de Artes, tendo-se especializado em som. Iniciou o estágio profissional nessa instituição, após a conclusão do curso, e tornou-se técnico de luz/som no Auditório do Palácio do Bolhão. Paralelamente, colabora em montagens de eventos ao vivo, tais como festivais e concertos, com a empresa AudioStage, Lda. Em 2020, teve o cargo de operador de som no espectáculo *Alma* de Tiago Correia, com produção de A Turma. No final de 2021, colaborou com a Nome Próprio para o desenho de som, acompanhando de perto a banda sonora original de Rui Lima e Sérgio Martins, no espectáculo *Porque é Infinito*. Actualmente, dedica-se à produção de música electrónica num colectivo, aliando montagens e operações de espectáculos em regime *freelance*.

José Monteiro

som

Mais conhecido como Zeca Afonso, José Monteiro licenciou-se em Produção e Tecnologias da Música na ESMAE, tendo trabalhado neste período com nomes como Gustavo Santos, Marco Conceição e Sofia Vieira. Realizou gravações de diferentes agrupamentos musicais clássicos e de jazz, bem como de instrumentos solo. Trabalhou como técnico assistente no espectáculo *Lux Lucis* dos Drumming GP, produzido pelo Teatro Nacional São João. Durante 2019, foi técnico de som no Teatro Helena Sá e Costa, tendo trabalhado, neste contexto, com o director técnico Fernando Coutinho. Já realizou trabalhos de difusão multicanal, mistura em sistema surround 5.1 e produção e mistura para sistema reproduzidor *ambisonic* de 8 colunas. Além de técnico de som, é também músico de formação (8.º grau de flauta de bisel) e bailarino clássico (nível intermédio, pela Royal Academy of Dance).

Quarteto Caleidoscópio

António Lopes clarinete

Dalila Teixeira piano e teclas

Gabriela Peixoto violino

Teresa Soares violoncelo

Nascido no âmbito académico, em 2019, o Quarteto Caleidoscópio apresentou-se pela primeira vez no Teatro Helena Sá e Costa, em dois recitais, com o *Quatour pour la fin du Temps* de Olivier Messiaen. A sua característica mais irreverente passa pelo diálogo entre a música e a luz, havendo uma simbiose cenográfica e sinestésica que permite a criação de ambientes pouco convencionais. Tem-se apresentado em salas como Teatro Helena Sá e Costa (2019), Casa das Artes (2020) e Armazém 22 (2021), onde gravou o *teaser* do seu primeiro projecto *Diálogo entre a Música e a Luz*.

António Lopes, clarinetista de 21 anos natural de Vila Real, é Academista da Orquestra Filarmónica Portuguesa, membro da Neue Philharmonie München, da Banda Sinfónica Transmontana e da Banda Sinfónica da Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca. Recentemente galardoado com o 1.º prémio no ICA Young Artist Competition e no 2.º Web-Clarinet Online Competition (organizado pela Accademia Italiana del Clarinetto), foi também vencedor do 1.º Concurso Ibero-Americano de Clarinete, em 2019, e do III APC International Clarinet Competition “Américo Aguiar” (Junior Artist), em 2017. Apresentou-se como solista com agrupamentos como a Orquestra Sinfónica Ensemble e a Banda Sinfónica da ARMAB. Em Julho de 2022, irá tocar com a Reno Philharmonic Orchestra, num concerto de gala inserido no ClarinetFest 2022.

Mestre em Interpretação Artística pela ESMAE, nas classes de Miguel Borges Coelho

e Pedro Burmester, a pianista **Dalila Teixeira** tem vindo a dedicar-se ao Quarteto Caleidoscópio, tanto na divulgação do seu primeiro projecto *Diálogo entre a música e a luz* (que deriva da sua tese de mestrado) como na criação e ampliação de novos projectos mais ambiciosos. Neste contexto, trabalhou com diversos profissionais, tanto no âmbito da investigação (Daniel Moreira e Miguel Ribeiro Pereira) como no âmbito da performance (Miguel Borges Coelho, António Saiote, Pedro Burmester, Nuno Pinto, Filipe Quaresma, Victor Pereira). Para além da sua actividade em música de câmara e na criação de novos espectáculos, é professora (Colégio dos Salesianos e Academia Valentim de Carvalho) e formadora no Serviço Educativo da Casa da Música. Mais recentemente, gere a plataforma Showcase by Artway Culture and Arts, em coordenação com Teresa Soares, a qual promove o lançamento de jovens artistas e projectos embrionários — como é o caso do Caleidoscópio.

Gabriela Peixoto nasceu em 1996, em Barcelos. Estudou no Conservatório de Música de Barcelos, na classe de Tatyana Raleva, e na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, na classe de Evandra Gonçalves. Terminou a Licenciatura em Violino com 20 valores, na ESMAE, na classe de Zófia Woycicka (2018), e o Mestrado na Royal Academy of Music de Londres (2020), com distinção e bolsa de mérito. Frequenta o Mestrado em Ensino da Música na ESMAE. Obteve prémios em diversos concursos, entre os quais o 1.º prémio no Concurso de Cordas Fernandes de Fão. Apresentou-se em recitais a solo no Salão Nobre da Câmara Municipal de Barcelos, no Teatro de Valadares, em Valença, na Escola Óscar da Silva (Mato-sinhos) e em Bruges (Bélgica). Actuou como solista com a Orquestra da Escola Profissional de Música de Viana do Castelo.

Teresa Soares, violoncelista, encontra-se a terminar o Mestrado em Interpretação Artística na ESMAE, na classe de Filipe Quaresma. Membro fundador do Quarteto Caleidoscópico, tem vindo a apresentar-se em diversas formações de música de câmara e orquestras dentro e fora do país. É professora de violoncelo na Academia de Música de Método Suzuki — A Pauta. No âmbito do seu interesse pela produção de concertos e projectos artístico-culturais surge o seu mais recente trabalho como responsável, juntamente com a Dalila Teixeira, pelo Showcase by Artway Culture & Arts — novo departamento que visa a promoção, o lançamento e o agenciamento de jovens portugueses no meio artístico e cultural.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

